



## Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo  
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Rodrigo Prates de Andrade<sup>1</sup>

### Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)<sup>2</sup>

Enemies and angels: the *Llibre dels Feyts* and the relations between christians and muslims in the Crown of Aragon (1213-1276)

---

#### Resumo:

Neste artigo procuramos abordar como as relações estabelecidas entre conquistadores e conquistados na Coroa de Aragão, durante o reinado de Jaime I, o Conquistador, constituíram representações que no último quartel do século XIII estavam entre a atração e a repulsão. Além de inimigos da Coroa e da Cristandade, os sarracenos também foram representados no *Llibre dels Feyts* como bons servos e bons vassalos. Em nossa perspectiva, a narrativa exerce o papel de um espelho, não como um mero reflexo das relações entre cristãos e muçulmanos, mas como a construção de uma representação sobre elas, de acordo com as percepções e interesses de um rei cristão.

#### Palavras-chave:

*Llibre dels Feyts*; Jaime I de Aragão; Sarracenos.

#### Abstract:

In this article we discuss how the relations between conquerors and conquered in the Crown of Aragon, during the reign of James I the Conqueror, constituted representations in the last quarter of the XIII were between attraction and repulsion. Besides enemies of the Crown and Christianity, the saracens were also represented in the *Llibre dels Feyts* as good servants and good vassals. In our perspective, the narrative plays the role of a mirror, not as a mere reflection of the relations between christians and muslims, but as the construction of a representation on them, according to the perceptions and interests of a christian king.

#### Keywords:

*Llibre dels Feyts*; James I of Aragon; Saracens.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>2</sup> Este artigo compõe parte das reflexões presentes em nosso Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Feudalidade, tolerância e pragmatismo: as representações dos sarracenos no *Llibre dels Feyts* de Jaime I de Aragão (1213-1276)”.

## 1. Introdução

O historiador Brian Catlos, na obra *Vencedores y Vencidos*, ressalta que a partir do movimento expansionista ibérico-cristão, os muçulmanos na península foram representados ora como inimigos da Cristandade, ora como servos e vassalos do reino (Catlos, 2010: 28). Procuramos então neste artigo abordar como as relações estabelecidas entre conquistadores e conquistados na Coroa de Aragão e, em específico no reinado de Jaime I, o Conquistador (1208-1276), gestaram representações que no último quartel do século XIII cambiavam entre a atração e a repulsão. Em nossa perspectiva, e aqui nos remetemos aos posicionamentos do italiano Carlo Ginzburg (2002: 44), a narrativa não se constitui nem como uma *janela* nem como um *muro*, que ora nos permitem compreender uma realidade ora nos impedem. Entendemos que as palavras do Conquistador exercem o papel de um *espelho deformante*, e as próprias *distorções* inerentes a estas imagens – em nosso caso as representações sobre os sarracenos – tornam-se objetos de análise do historiador.

Filho de Maria de Montpellier (1180-1213) e Pedro II de Aragão (1174-1213), Jaime I procurou a partir de seus feitos bélicos – as conquistas de Maiorca (1229-1235), Valência (1233-1244) e Múrcia (1265-1266) – e a posterior narrativa destes, legitimar-se perante o presente e o futuro. O *Llibre dels Feyts*, fora composto entre os anos de 1270 e 1278, em primeira pessoa, de maneira que o próprio monarca narrara os seus feitos àqueles que quisessem ouvi-los. O livro fora forjado em uma ambiência cultural na qual a cultura laica se consolidava nas cortes, obras literárias e historiográficas em romance eram difundidas na Cristandade Latina medieval e, na vizinha Castela, o genro de Jaime, o rei Afonso X (1221-1284), idealizara um monumental projeto historiográfico com a *General Estoria* e a *Estoria de España*. Cabe destacar, ainda, a tradução de obras historiográficas para o catalão, como a *De rebus Hispaniae* do bispo Rodrigo Jiménez de Rada (1170-1247) em 1266, e da *Gesta Comitum Barcinonensium* entre 1268 e 1269, que representaram o início de uma nova fase da escrita da história na Coroa de Aragão (Cingolani, 2008: 59-60).

A política expansionista empreendida por Jaime I de Aragão, concretizada nas conquistas de Maiorca e Valência, bem como seu auxílio a Afonso X de Castela na guerra de Múrcia, colocou o rei em conflito com os sarracenos da região. Poderíamos pensar que, neste mundo bélico, o sarraceno seria representado como um inimigo do reino e da Cristandade. Todavia, apesar destas representações estarem presentes na obra, devemos ter em conta que os sarracenos também foram representados como bons vassalos, ou mesmo traidores, sem estarem associados diretamente a um caráter étnico ou religioso.

## 2. “Aquele anjo que Deus nos enviou”: inimigos e aliados

Tecendo um preâmbulo sobre os primeiros anos de Jaime I, os escrivães do rei passam a narrar os feitos que principiaram a Conquista de Maiorca. De acordo com Vianna, este segmento da crônica representou a superação de um período de trevas da Coroa, em contraponto a um período de luz, o expansionismo da Coroa de Aragão. Segundo o autor, a narrativa da conquista, assim como todo o *Llibre dels Feyts* justificaria o poder e a autoridade do monarca perante seus nobres (Vianna, 2009: 57-61). Durante este empreendimento bélico que os sarracenos foram primeiramente representados como “inimigos da fé e da cruz” (Jaume I de Aragão, 2010: 99-100).

Entretanto, considerando o foco estabelecido neste artigo, a ideia de vassalagem e servidão presentes nas representações dos sarracenos, analisamos aqui fragmentos da fonte que contemplem estes aspectos. Durante o sítio de Maiorca, um sarraceno chamado Dom Aabet, enviou uma mensagem ao rei, afirmando que entregaria uma partida da ilha, e que, se fosse bem tratado, outros sarracenos também o fariam:

“Nós expusemos isso aos nobres da hoste, e todos disseram que era bom que isso ocorresse. Depois, o sarraceno nos disse para enviarmos cavaleiros a um lugar seguro, a aproximadamente uma légua da hoste, que ele sairia dali sob a nossa confiança, para fazer seu pacto conosco e nos servir de boa fé e sem engano, pois assim nós reconheceríamos o grande serviço que ele nos faria. Assim, enviamos vinte cavaleiros e o encontramos naquele lugar. Ele chegou com seu presente, e nos ofereceu cerca de vinte bestas carregadas de cevada, cabritos, galinhas e uvas. As uvas que ele nos trouxe eram de tal qualidade que mesmo estando nos sacos não se partiram nem se estragaram. Em seguida, nós dividimos aquele presente que ele nos ofereceu com os nobres da hoste. Isso fez aquele anjo que Deus nos enviou, e quando digo anjo refiro-me ao sarraceno, pois nos fez tanto bem que o tomamos por um anjo, já que se parecia com um (Jaume I de Aragão, 2010: 126-127).”

Os nobres perceberam que aquele seria um bom serviço, pois a hoste cristã, que lutava contra os inimigos da Cristandade, seria reforçada por estes mesmos sarracenos. Sob a confiança de Jaime, Dom Aabet pactuou com o rei, servindo-o “de boa fé e sem engano”. Importa destacar que a este Aabet é

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodaafortuna.com](http://www.revistarodaafortuna.com)

concedido um pronome de tratamento restrito aos grandes homens da Península Ibérica - o *Dom*. Oriundo da palavra latina *dominus*, ele representaria a senhoria destes homens sobre uma terra – e seus servos –, sendo outorgado a reis, infantes, membros do alto clero e da alta nobreza. Em um processo de tradução cultural, imputa-se o *dom* a Aabet, que provavelmente seria senhor de algumas terras, já que presenteara Jaime com uvas, cabritos e galinhas, tornando-o membro do corpo de Aragão<sup>3</sup>.

Como um bom vassalo, o sarraceno Dom Aabet presenteia seu novo senhor com cereais, frutas e animais: de inimigo da fé e da cruz Aabet passa a ser um anjo enviado por Deus. O monarca, em suas palavras, enfatiza que o anjo fora o próprio sarraceno, o que nos leva ao seguinte questionamento: dentro deste contexto de conflito entre cristãos e muçulmanos, quais seriam as fronteiras entre a inimizade e a vassalagem? Dando continuidade à narrativa do pacto firmado entre Jaime e o sarraceno:

“Em seguida, [Dom Aabet] enviou-nos mensagens informando que duas ou três *partidas* queriam seguir seu caminho, e não demoraria uma semana para enviarem à hoste provisões de cevada e de farinha, com galinhas, cabritos e uvas, pois assim refrescaria e reconfortaria nossa hoste. Isso aconteceu de tal modo que, em quinze dias, todas as *partidas* de Maiorca que estavam na cidade, até mesmo aquelas que estão voltadas para Minorca, ficaram a nosso serviço – e nos serviram obedientemente. Nós confiamos nele, porque nele encontramos toda a verdade (Jaume I de Aragão, 2010: 127)”.

Além de Dom Aabet, outros sarracenos de Maiorca enviaram provisões ao exército da Coroa de Aragão, refrescando e reconfortando a hoste. Estes mesmos sarracenos ficaram sob o serviço do Conquistador e, o “serviram obedientemente”, a ponto de o rei afirmar que confiara em Dom Aabet e nos outros sarracenos “porque nele encontramos toda a verdade”. Em uma passagem anterior, os cronistas relatam que aproximadamente cinco mil sarracenos foram vencidos em uma cilada durante o cerco de Maiorca. Neste conflito, Jaime ordenou que seus homens cortassem a cabeça de seu líder, chamado Fátala, e a arremessassem dentro da cidade (Jaume I de Aragão, 2010:

---

<sup>3</sup> Sobre a metáfora do reino como um corpo e as relações entre cristãos, judeus e muçulmanos ver Silveira, A. D. (2013). Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X. In: Fernandes, F. R. (org.). *Identidades e fronteiras no medievo ibérico* (pp. 111-130). Curitiba: Juruá.

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

125-126). No entanto, interrogamo-nos sobre o que diferenciaria este Fátila, o inimigo decapitado, de Aabet, o anjo vassalo.

Enquanto as obras de Fátila – que eram contrárias à política expansionista de Jaime – são representadas de maneira negativa, os feitos de Aabet – que se tornara vassalo do Conquistador, apoiando-o em sua empresa – são valorizados. O pacto com Aabet é descrito logo após o confronto com Fátila, em uma sequência, representando a distinção entre o inimigo e o vassalo. O poder de Jaime e seu exército, que não pode ser vencido pelas forças de Maiorca, faz com que Aabet, bem como outros sarracenos, prestem seus serviços ao rei (Villacañas, 2004: 146). Com base em um estudo profundo destes dois fragmentos da crônica, nos é facultado inferir que, como em outros momentos do *Llibre dels Feyts*, veremos que o sarraceno é visto de maneira positiva quando presta bons serviços ao rei, e em oposição, é desvalorizado ao realizar maus serviços. Em resumo, aos seus inimigos é ofertado o seu poder e aos seus aliados sua proteção.

Tomada a cidade de Maiorca, muitos sarracenos fugiram ou se esconderam, iniciando um período de pilhagem pelos cristãos e de resistência pelos sarracenos (Vianna, 2009: 119-120). Neste contexto, Jaime encontrou Abû Yahya, o rei de Maiorca, e junto ao seu vassalo Dom Nuno se dirigiram ao local onde o sarraceno estava:

“Nós e Dom Nuno descavalgamos e, guarnecidos, entramos na casa. Diante dela, estavam três exortiquins com suas azagaias. Quando nos aproximamos, ele se levantou com sua capa branca; vestia uma malha de ferro sob a capa, e uma preciosa tela de seda branca que guardava seu corpo. Fizemos dizer-lhe, em árabe, por meio de um daqueles dois homens de Tortosa, que nós lhe deixaríamos dois cavaleiros e alguns de nossos homens, e que não tivesse receio, pois uma vez que estava em nosso poder, não morreria. Deixamos ali nossos homens para que ninguém o tocasse” (Jaume I de Aragão, 2010: 144-145).

Protegido pelos membros de sua guarda, Abû Yahya “vestia uma malha de ferro sob a capa, e uma preciosa tela de seda branca que guardava seu corpo”. Lembremo-nos que mesmo antes da cidade ser invadida pelos cristãos, o rei incitara os sarracenos a protegerem sua terra, suas mulheres e filhos (Jaume I de Aragão, 2010: 136-137). Representado como um poderoso senhor, o último a abandonar a cidade, no momento em que fora vencido este deixa de ser um inimigo da Cristandade. Resguardado por cavaleiros e homens

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

do Conquistador, ele não deveria ter receio, “pois uma vez que esta sob nosso poder [de Jaime I], não morreria”.

Mesmo que tenha resistido aos cristãos, e o fizera honradamente, Abû Yahya estava sob o poder de Jaime, e agora não poderia ser tocado pelos cristãos. Enfatizamos a necessidade de não entendermos os sarracenos como uma massa homogênea, pois pelo contrário, compunham um grupo altamente hierarquizado (Catlos, 2010: 246). Ressalta-se que, a considerar sua posição social, estas populações foram mais ou menos impactadas pelas transformações ocorridas com a conquista cristã. Tanto Dom Aabet quanto o *wah* Abû Yahya – que tivera seu poder “traduzido” como o de um rei – ao deixarem de ser inimigos do Conquistador se transformaram em seus vassalos e, portanto, protegidos do rei.

Cabe ressaltar que, como vassalos do rei, alguns destes sarracenos buscaram na conversão ao cristianismo uma forma de manter o poder e *status* que possuíam anteriormente a conquista. O filho de Abû Yahya, refém dos cristãos com a capitulação de Maiorca e batizado com o nome de Jaime, estabeleceu laços matrimoniais com uma das mais importantes famílias de Aragão e adquiriu a senhoria do castelo de Gotor. De modo análogo, Abu Seid, o antigo rei de Valência, também se converteu ao cristianismo após a conquista do reino insular e se tornou senhor de algumas terras da Coroa de Aragão em nome de Jaime I (Catlos, 2010: 129-130).

Os exércitos da Coroa de Aragão seguiram então com a conquista de Maiorca, ao enfrentar aqueles sarracenos que se deslocaram para as montanhas e outros castelos. Um deles, chamado Xuaip de Xiver e “que havia se tornado líder e senhor”, iniciou uma demanda, em favor dos sarracenos, entre eles e o monarca cristão. De acordo com as palavras de Jaime I, ele pedia que se fosse bem tratado, “entregaria os castelos e as montanhas, contanto que pudesse viver honradamente”. Em conselho com seus nobres, o rei afirma que não seria bom para o novo reino que a guerra se prolongasse. Assim foi decidido:

“[...] que nós déssemos herdades a ele e a quatro outros que eram da sua linhagem, além de cavalos, armas e a cada um, um rocim, mulo ou mula que fosse boa e conveniente; além disso, que os sarracenos que desejassem viver conosco povessem a terra, mas aqueles que não desejassem fazer a nossa vontade nem concordar com nosso pleito, que fizessem a nossa vontade. Isso foi feito com cartas e cumprido assim como foi deliberado” (Jaime I de Aragão, 2010: 169).

Andrade, Rodrigo Prates de.  
Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

A narrativa destes feitos reforça uma contraposição entre aqueles que se rendem e aqueles que resistem ao poder do rei. Os sarracenos que aceitassem Jaime poderiam povoar aquelas terras, porém, aqueles que não o fizessem estariam submetidos à vontade e ao poder do rei. Assim, eram valorizados positivamente quando servos e vassallos e, negativamente quando contrários à política régia. E ainda, como outros inimigos – que se tornaram vassallos – de Jaime, Xuaip pede clemência ao seu senhor em troca de uma vida honrada. Podemos afirmar, por meio de uma leitura profunda do trecho citado acima, que esta concepção de vida honrada estaria associada à manutenção de um *status quo* que seria provido por meio de terras, cavalos e armas, para ele e sua linhagem.

A conquista de Maiorca fora um dos maiores obras de Jaime I de Aragão, feito que representou a união entre a fé e as obras de um monarca, monumentalizado em sua narrativa:

“Depois deste pleito que fizemos com eles, recebemos tanto ou mais que o combinado, porque eles nos davam, quando nós lhes pedíamos convenientemente, tudo o que solicitávamos. A cada ano tomávamos deles, exceto os de nossa mesnada, tais coisas. Fizemos cativos os sarracenos da ilha que estavam rebelados na montanha, para que fizessem a nossa vontade, e os demos àqueles que os desejavam, para povoarem a terra na condição de cativos. [...] Desde então não houve necessidade, à mercê de Deus, de nossa ajuda à ilha de Maiorca, pelo contrário, ela foi multiplicada por Nosso Senhor, pois vale duas vezes mais do que valia no tempo dos sarracenos” (Jaume I de Aragão, 2010: 177).

Evidenciamos neste segmento da obra três aspectos relacionados à problemática deste artigo: 1) A imagem pejorativa dos sarracenos rebelados; 2) A positivação dos vassallos sarracenos; 3) A conservação da paz em Maiorca. Durante este empreendimento bélico, os cronistas demonstram que diversas vezes o rei dera oportunidades aos sarracenos adentrarem a proteção do rei, contudo, alguns deles permaneceram “rebelados” – ao recusarem a autoridade do rei sobre as ilhas. Estes sarracenos foram feitos “cativos”, escravizados para realizar a vontade do rei, doados “àqueles que os desejavam, para povoarem a terra na condição de cativos”. Enquanto os sarracenos que aceitaram Jaime como seu senhor adentraram ao corpo da Coroa de Aragão como servos e vassallos, aqueles que se rebelaram perderam sua condição de “liberdade” e povoaram as ilhas como cativos.

Andrade, Rodrigo Prates de.  
Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Bons servos e bons vassalos, os sarracenos representariam um modelo de servidão e vassalagem que deveria ser seguido tanto por cristãos quanto muçulmanos. Sem necessitar da ajuda do rei, com “à mercê de Deus”, a terra fora multiplicada ao valer “duas vezes mais do que valia no tempo dos sarracenos”.

### 3. “E juraram sobre os livros do Alcorão”: vassalagem e servidão

Os primeiros anos de Jaime I como monarca foram conturbados não só pelas revoltas nobiliárquicas que ele enfrentara mas, também, pelo declínio da Coroa de Aragão após a derrota de seu pai na Batalha de Muret em 1213. Abaixo apresentamos a primeira vez que um sarraceno foi mencionado no *Llibre dels Feyts*, justamente em uma passagem referente a este período de seu reinado:

“E toda a renda que nosso pai tinha em Aragão e em Catalunha estava penhorada, até os judeus e sarracenos, e também as honras, que naquele tempo eram setecentas cavalarias, e nosso pai, o rei Dom Pedro, tinha dado ou vendido todas, exceto cento e trinta. Por isso quando entramos em Monzón não tínhamos sequer do que comer para um dia, pois nossa terra estava destruída e penhorada” (Jaume I de Aragão, 2010: 37).

Neste fragmento da narrativa, o monarca ressalta o período de crise e declínio pelos quais a Coroa passara após a morte de seu pai. Toda a renda de Aragão estava penhorada, desde suas honras até seus judeus e seus sarracenos. Como um rei se tornaria uma potestade e uma autoridade com o seu maior patrimônio, a terra, destruído? Percebemos que este discurso textual representa não só a própria realidade da Coroa, a crise econômica e social após a derrota de Pedro II, bem como a imagem de um rei poderoso, que ao superar a fragmentação de sua terra ganharia o epíteto de o Conquistador.

Interessa-nos aqui a relação estabelecida na narrativa entre os judeus e sarracenos com a *terra* do monarca. Os judeus e os sarracenos são atrelados à renda e a própria terra da Coroa, não como uma propriedade do rei, e sim dentro de uma relação social entre o senhor e seus servos. Ambos são sujeitos ao rei, e oferecem tributos diretamente à Coroa. No caso dos muçulmanos, de acordo com Catlos eles se integraram aos territórios da Coroa de Aragão,

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

como um grupo, mas também como sujeitos, por meio de suas atividades comerciais e produtivas. Proprietários ou arrendatários do rei, os mudéjares possuíam direitos semelhantes aos de seus vizinhos cristãos e judeus (Catlos, 2010: 209-211). Representados como membros do corpo social, sua destruição culminaria na própria destruição do reino, o que nos leva ao próximo trecho retirado do *Llibre dels Feyts*.

“Enquanto estávamos em Saragoça, estavam nesta *partida* Dom Pedro Fernandez e aqueles que já citamos. E chegou uma mensagem que Dom Rodrigo Lizana capturara Dom Lope de Albero, que era parente do mesmo Dom Rodrigo Lizana. Dom Pelegrino de Atrosilo tinha a filha de Dom Lope de Albero por mulher. Este Pelegrino e seu irmão Dom Gil pediram-nos e clamaram-nos amor e mercê para que déssemos conselho e ajuda sobre a prisão de Dom Lope de Albero, porque Dom Rodrigo o prendera sem que Dom Lope de Albero se protegesse dele e sem ser desafiado; além disso, tomara-lhe o castelo e a vila de Albero e cerca de dez mil kafizes de pão que eram seus, além do mal que causara aos cristãos e aos sarracenos de Albero” (Jaume I de Aragão, 2010: 40).

O rico-homem Dom Rodrigo Lizana prendera seu parente, Dom Lope de Albero, sem que este “se protegesse dele e sem ser desafiado”. Lembremo-nos que mesmo em um mundo permeado por conflitos, fossem eles intranobiliárquicos ou régio-nobiliárquicos, havia um direito nestas guerras. Nesta passagem há uma desvalorização dos atos de Dom Rodrigo que, ao se contrapor a justiça, não desafia seu parente Albero, nem mesmo lhe fornece a oportunidade de se proteger, e assim toma os seus bens para si. Dom Rodrigo tomara de Dom Lope seu castelo, a vila e dez mil kafizes de pão, porém, o prejuízo de Albero não se resumia a estes bens: o nobre da família Lizana também havia feito um mal aos cristãos e sarracenos de Albero.

Na passagem anterior vimos que os judeus e os sarracenos foram representados como membros do patrimônio da Coroa, de modo semelhante aos cristãos e sarracenos que compunham o patrimônio de Albero. O ato de Lizana infligira três danos em Albero: 1) a sua prisão; 2) a perda do castelo, da vila e de seus pães; 3) o mal causado aos seus cristãos e sarracenos. O dano infligido a si é igualado ao dano causado aos seus bens e servos. Dentro de seu *dominium* o senhor possuía obrigações com seus dependentes, o que incluía a sua proteção, bem como estes dependentes possuíam obrigações com seu senhor. Não podemos é claro idealizar o medievo ao mascarar as relações de

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

exploração entre o senhor e seus servos, afinal o mal feito às forças produtivas de Albero também acarretaria em prejuízos ao nobre. Apesar de possuírem estatutos sociais distintos, na narrativa há uma equiparação entre cristãos, judeus e muçulmanos. Ao comparar estas duas passagens, percebemos que os sarracenos são representados como *servos* – componentes do patrimônio de reis, nobres e outros senhores. Para além de valorizações positivas ou negativas, eles se tornam partícipes do corpo social da Coroa de Aragão.

Entretanto, mesmo que servos e vassalos, os sarracenos também eram inimigos – da fé e da cruz – que deveriam ser combatidos. Assim, na obra é descrito o primeiro momento em que o Conquistador confrontara os sarracenos:

“Ordenamos aos ricos-homens que, pelas honras que tinham por nós, viessem ao nosso encontro em Teruel, pois desejávamos entrar em Valência para fazer mal aos mouros, e assim eles deveriam servir as honras que tinham por nós. Dissemos também a eles o dia que ali deveriam estar. A esse respeito, fizemos empréstimos para as nossas provisões. Dom Pascual Munhoz, que era muito íntimo de nosso pai e um dos melhores homens da vila que tínhamos em nossa terra naquele tempo, disse que nos emprestaria com muita vontade e de bom grado tudo quanto pudesse de si e de seus amigos. Dessa forma, durante três semanas ele nos emprestou tudo o que precisávamos. Quando chegou o dia que eles deveriam vir até nós, isto é, os ricos-homens de Aragão, vieram somente Dom Blasco de Alagón, Dom Artal de Luna e Dom Ato de Foces. Vimos então que eles não vieram no dia que nós dissemos. Assim, pelo desgaste que eles nos provocaram, tivemos que comer as provisões que estocamos para entrar na terra dos mouros. Foi nosso acordo que fizéssemos uma trégua com o *seid* Abu Seid, que era então o rei de Valência, para que ele desse a quinta parte do que ganhava de Valência e de Múrcia, já tiradas as *peitas*. Ele então outorgou isso com cartas e pactos que nos fez e assim fizemos a trégua com ele” (Jaume I de Aragão, 2010: 56-57).

Os nobres da Coroa de Aragão, pelas honras que tinham por Jaime I, deveriam servi-lo “pois desejávamos entrar em Valência e fazer mal aos mouros”. Em seu discurso, o monarca afirma que desejava fazer mal aos mouros, porém, questionamo-nos sobre os interesses de Jaime nesta empreitada. Seriam motivos religiosos? Econômicos? Recordemo-nos de que o expansionismo da Coroa de Aragão deve ser compreendido dentro de uma conjugação de fatores econômicos, políticos e religiosos. Jaime fora educado

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

pelos templários em Monzón e lá provavelmente entrara em contato com uma ideologia cruzadística que o impulsionaria em suas guerras (Vianna, 2008: 196-197). Este fator alinhado ao Tratado de Cazola, que colocava o reino de Valência como uma conquista de Aragão e o enfraquecimento dos almôadas após 1212, o Conquistador procurou no início de seu reinado fazer mal àqueles sarracenos.

Contudo, as grandes famílias de Aragão não foram ao seu encontro, somente os ricos-homens Dom Blasco de Alagón, Dom Artal de Luna e Dom Ato de Foces. Com a infidelidade de seus vassallos, que não cumpriram o pacto, o desgaste causado fez com que as tropas do rei tivessem que comer suas próprias provisões. Restando-lhe poucas alternativas, Jaime pactuaria com Abu Seid – o “então o rei de Valência” –, que por sua vez, renderia ao Conquistador “a quinta parte do que ganhava de Valência e de Múrcia”. Este mesmo Abu Seid, um importante personagem na política expansionista da Coroa de Aragão, tornara-se vassallo de Jaime I quando fora deposto por Zahen – o futuro adversário do Conquistador –, e em 1232, outorgara ao monarca todos os seus direitos sobre Valência, acontecimento que estabeleceu as bases da conquista daquele reino (Villacañas, 2004: 169).

Quando retornava de Teruel, o rei encontrara Dom Pedro Ahones, com cerca de cinquenta cavaleiros “para entrar na terra dos mouros”. De acordo com as palavras do monarca, ao não servir as honras que tinha por ele e almejar uma incursão na terra dos mouros, o nobre o traía. Com o intuito de deliberar sobre esta situação, Jaime I se reuniu com Dom Pedro que estava “vestido com seu perponte, sua espada cingida e um *batut* de malha de ferro na cabeça”. Em contraponto ao vassallo desarmado que presta sua homenagem, Ahones comparece perante o rei utilizando suas armas, como se estivesse pronto a romper o contrato entre ele e Jaime:

“Mas principalmente por vossa falta tivemos conselho que com tão poucos cavaleiros com nós tínhamos em Teruel não deveríamos entrar em terra de mouros, pois se Deus não nos quisesse ajudar, poderíamos receber uma desonra ou mesmo a morte. A esse respeito *seid* Abu Seid nos disse que daria as quintas de Valência e de Múrcia para que tivéssemos uma trégua com ele, e as tomamos. Por isso, vos rogamos, Dom Pedro Ahones, e vos ordenamos que tenhais estas tréguas e não as rompais. Ele nos respondeu que muito lhe custara a reconciliação que fizera com seu irmão, o bispo, e que não queria perder aquilo que lhe custara tanto. Assim, lhe respondemos: – Dom Pedro Ahones, grande erro nos dissestes, pois fizemos aquela trégua por vossa falta, já que não viestes no dia que dissemos. E agora dizeis que não

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

deixareis esta ida por nossa ordem. Olhais o que fazeis, pois vós vireis contra o nosso senhorio, coisa que não esperamos. Assim, desejamos saber se vós deixareis de fazer isso apesar de nossos pedidos e das nossas ordens. Ele nos respondeu que faria qualquer coisa por nossos pedidos e nossas ordens, mas não isso, pois lhe custara tanto que não poderia deixar de fazê-lo, e assim nos pedia que o deixássemos entrar em terra de mouros, ele e seu irmão, pois nos faria um bom serviço. Mas nós lhe dissemos que seria um mau serviço romper a trégua que nós fizemos. E então perguntamos: – Por isso, desejamos saber se vós fareis isso ou não. Ele nos respondeu que não nos poderia atender. Então lhe dissemos: – Já que desejais romper uma coisa tão preciosa como essa, dizemos que desejamos prendê-lo” (Jaume I de Aragão, 2010: 57-59).

Nesta emblemática e idealizada passagem do *Llibre dels Feyts*, considerando o papel do rei de Valência, elencamos três fatores principais: 1) A traição de Dom Pedro; 2) O pacto com Abu Seid; 3) A manutenção das tréguas. No embate entre Jaime I e Dom Pedro Ahones, percebemos uma visão negativa das obras daquele rico-homem. A falta de Ahones, que não cedera suas forças bélicas à cavalgada de Jaime – seu dever como vassalo –, fez com que o rei retirasse seus homens de Valência, pois com tão poucos ele poderia “receber uma desonra ou mesmo a morte”. Ao contrário, o préstimo Abu Seid renderia a quinta parte da produção de Valência e Múrcia em troca de uma trégua com o monarca. Enquanto o rei sarraceno o honrava, seu nobre cristão o trairia uma segunda vez, pois pretendia cavalgar sobre a terra dos mouros e quebrar o pacto consolidado. Um ato contra o senhorio de Jaime, não era um “bom serviço” como teria dito Ahones, e sim um “mau serviço”, uma vez que deslegitimaria o poder e a palavra do rei.

Dentro de uma ideologia enaltecadora do poder régio, a narrativa desvale os feitos de Dom Pedro Ahones, pois ao dissolver o contrato entre ele e Jaime, Ahones se tornaria um traidor da Coroa. Por outro lado, é possível inferir que a valorização de Abu Seid estaria relacionada à sua posterior participação na política na Coroa de Aragão e, o enobrecimento do pacto firmado com este futuro bom vassalo se deve não só aos ganhos estabelecidos com estas tréguas, bem como à manutenção da própria palavra de Jaime I.

Retomando a conquista de Maiorca, dois nobres de Jaime I que combatiam os focos de resistência enviaram uma mensagem para que os sarracenos se rendessem, e como resposta estes afirmaram “que nunca se renderiam a eles, a não ser ao rei que conquistou a terra” (Jaume I de Aragão, 2010: 170). Ao tomar conhecimento destas notícias, o monarca regressou para

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Maiorca e enviou seus mensageiros aos sarracenos, a fim de assegurar que “se eles quisessem render-se e fazer-nos o que faziam ao rei de Maiorca, recebê-los-íamos com mercê”. Contudo, se estes “desejassem mais a morte e a prisão que vir à nossa mercê, não lhes poderíamos escusar [...]” (Jaume I de Aragão, 2010: 172).

O rei preparou então suas galeras para desembarcar em Minorca e, ao chegar à ilha, os homens que ali estavam perguntaram de quem eram aquelas embarcações. Os mensageiros de Jaime responderam que aquelas embarcações pertenciam ao senhor daquela terra, “o rei de Aragão, de Maiorca e da Catalunha”:

“Quando os sarracenos ouviram isso, depuseram todas as armas e as jogaram na terra. Em seguida, disseram que eles eram bem-vindos, que saíssem sãos e seguros sobre suas cabeças, e que os fariam prazeres, honras e amor. As galeras colocaram suas popas na terra, e eles mandaram buscar almofadas, esteiras e colchões para sentarem-se e conversar” (Jaume I de Aragão, 2010: 173).

Ditas as palavras do rei, os sarracenos poderiam escolher se render e servi-lo como serviam a Abû Yahya, ou ser mortos e presos. Positiva-se a imagem destes sarracenos que optaram por se render ao seu verdadeiro senhor, aquele que conquistou Maiorca. Se em algum momento Jaime e os sarracenos foram inimigos, eles deixaram de sê-lo quando, ao ouvirem de sua chegada, jogaram suas armas, ou seja, a inimizade, ao chão. Como o vassalo desarmado perante seu senhor, prometeram-lhe “prazeres, honras e amor”, e que “sãos e seguros” eles iniciariam seu pleito com o monarca:

“E o pleito foi o seguinte: diziam que a ilha era muito pobre, que nela não havia lugar no qual pudessem semear nem para a décima parte da gente que ali havia, mas que nos teriam como seu senhor, e o que eles tivessem dividiriam conosco, pois era racional que um senhor tivesse isso dos seus homens. Além disso, nos entregariam a cada ano três mil quarteiros de trigo, cem vacas e quinhentos animais, entre cabras e ovelhas; e que nós fizéssemos uma carta dizendo que os protegeríamos e os defenderíamos como nossos homens e vassalos, e que faríamos isso a nós e aos nossos por todos os tempos. Nossos mensageiros disseram que ainda deveriam fazer mais coisas, isto é, a potestade de Cidadela e daquele monte no qual está o maior castelo da ilha, além de dar-nos a potestade de todas as outras forças que ali havia. Nisso, eles

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

se viram, a contragosto, forçados. Porém, ao final concordaram e disseram que, como nós assim o desejávamos, eles fá-lo-iam, porque escutaram que nós éramos um bom senhor com as nossas gentes, e tinham a esperança que o seríamos com eles. Neste pleito, isto é, para fazer as cartas e fazer jurar sobre o Alcorão todos os maiores e melhores homens da ilha, estivemos por três dias para podermos concluir tudo” (Jaume I de Aragão, 2010: 174-175).

Nesta passagem da narrativa elencamos dois fatores principais: 1) A obrigação mútua no pacto entre cristãos e muçulmanos; 2) O juramento sobre o Alcorão. Os pretensos vassallos de Jaime afirmaram que dividiriam os ganhos da terra, entre trigo, vacas, cabras e ovelhas, com seu senhor, pois era “racional” que senhores e vassallos o fizessem. Por sua vez, o rei deveria protegê-los e defendê-los como seus “homens e vassallos”. O pacto firmado instituiu que os sarracenos “fossem nossos [de Jaime I] e dos nossos [de seus descendentes] por todos os tempos, e para que eles fizessem este tributo a nós e aos nossos por todos os tempos” (Jaume I de Aragão, 2010: 176). Através deste estudo, podemos compreender que as relações feudo-vassálicas – alheias a um caráter étnico ou religioso – pressupunham uma racionalidade nas quais senhores e vassallos possuíam obrigações um com o outro. Há ainda a constituição de uma representação positiva destes bons vassallos, que ao verem seu novo senhor o saudaram “com grande reverência, dobrando os joelhos”, e o fizeram “cem mil vezes, assim como um senhor no qual depositavam sua esperança” (Jaume I de Aragão, 2010: 175-176).

Selariam o pacto “os maiores e melhores homens da ilha”, isto é, aqueles que ocupavam os estamentos mais altos de sua hierarquia, um “patriciado”, percebido pelos cristãos não como servos, e sim vassallos, que intermediariam as relações entre cristãos e sarracenos (Catlos, 2010: 246-247). Como um rito final, estes “patricios” deveriam jurar sobre o Alcorão, como também deveriam os vassallos cristãos jurar sobre a Bíblia. Coincidência? Acreditamos que não, pois entendemos o medievo ibérico como um palco de confrontos bélicos, mas também de trocas culturais e econômicas entre cristãos, judeus e muçulmanos. Entretanto, segundo Burke “é bem possível que aquilo que os historiadores hoje vêem como herança comum possa ter sido percebido tanto por cristãos quanto por muçulmanos como sendo realmente “deles”” (sic.) (Burke, 2006: 80).

A conquista de Valência iniciada em 1233 compõe, junto com a de Maiorca, um dos maiores feitos do reinado de Jaime I de Aragão. Com um exército reduzido, conjugado à grande população de sarracenos da *tajfa*, este

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Libre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

empreendimento expansionista se caracterizou pelas inúmeras negociações e pactos firmados entre o Conquistador e os sarracenos. Em uma destas primeiras negociações, em Peníscola, na fronteira entre Aragão e Valência, os sarracenos, ao saberem que o rei estava ali, “disseram que estavam muito contentes” pela sua vinda e o presentearam com pães, vinho, passas, figos e galinhas. Eles prometeram ao monarca que renderiam o castelo somente a ele, e este, por sua vez, prometeu que reconheceria “suas leis e aquelas franquias” (Jaume I de Aragão, 2010: 225-226).

Os sarracenos de Almenara, outra cidade da *taifa* de Valência, asseguraram ao monarca que renderiam o lugar. Ao chegarem à dita cidade Jaime se encontrara com os sarracenos:

“Nós rogamos que nos dissessem o dia em que renderíamos Almenara. Eles responderam que, como o castelo de Almenara era importante, nós deveríamos fazer-lhes um grande bem pelo serviço que fariam. Além disso, quando os outros mouros da terra soubessem que tínhamos Almenara, toda a terra se renderia a nós, desde Teruel até Tortosa. Diante disso, respondemos que era necessário que eles se rendessem primeiro que os outros, pois já havia outros castelos que pleiteavam em se render. Assim, se eles tivessem vantagem sobre os outros, teriam de nós um bem maior pelo bom começo que nos fariam” (Jaume I de Aragão, 2010: 273-274).

O pacto firmado entre o Conquistador e os sarracenos, como um contrato vassálico, garantia obrigações e ganhos para ambos. Estes renderiam um bom castelo, e assim, devido à sua importância “mereciam um grande bem pelo serviço que fariam”. De acordo com as palavras Jaime I, para os sarracenos fazerem jus a este grande bem, deveriam render suas terras primeiro, pois haviam outros que procuravam sua senhoria. Em troca, o rei oferecera herdades, vacas, ovelhas, rocins e roupas aos seus vassalos. Além disso, próximo ao castelo da cidade:

“[...] pegamos [Jaime I] uma grua, assim como nós desejávamos: no alto e bem caçada. De todos os corredores, nós fomos os primeiros a chegar e não deixamos que matassem a grua. Nós a pegamos, a tiramos dos falcões e os alimentamos com carne de galinha. Em seguida, enviamos a grua viva àqueles dois [os sarracenos] que comentaram sobre o nosso pleito e dissemos que,

Andrade, Rodrigo Prates de.  
Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)  
[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

pela gratificação de Almenara, comessem a grua, e que a enviávamos viva, pois sabíamos os seus costumes, já que não a desejavam morta. Eles tiveram uma grande alegria e disseram no ouvido de nosso mensageiro: – Digais ao rei que tenha bom coração, pois o que deseja de Almenara virá em breve” (Jaume I de Aragão, 2010: 274-275).

Os sarracenos de Almenara foram valorizados por reconhecerem e aceitarem o poder de Jaime. Como bons vassalos, prometeram ao seu senhor um grande serviço, que seria a própria rendição da vila. Por sua vez, como um bom senhor, o monarca oferecera presentes aos seus vassalos, dentre eles uma grua viva, pois “sabíamos [Jaime I] os seus costumes, já que não a desejavam morta”. Estas palavras acabaram por positivar a manutenção dos costumes sarracenos – pois o animal deveria ser abatido de acordo com as leis islâmicas – nestes pactos, como nas capitulações de Uxó, Nules, Castro, Betera, e Bufila. Em uma destas negociações, “nós separamos [Jaime I] dois carneiros vivos e cinco galinhas para que comessem com conosco”. E ainda “fizemos cartas de sua lei, para que a tivessem, e de todos os seus costumes, como os que costumavam existir no tempo dos sarracenos, para que nos dessem direito, assim como faziam ao seu rei” (Jaume I de Aragão, 2010: 278). Em Alzira, os sarracenos também ofereceram sua cidade ao Conquistador, e expuseram que aquele “era um bom e honrado lugar, um dos melhores que havia no reino de Valência”. Findadas as negociações, diz-se na obra que:

“Assim, eles fizeram suas cartas conosco, determinando que permaneceriam em Alzira com aqueles foros e costumes do tempo dos almôadas, que poderiam fazer seus ofícios nas mesquitas como estavam acostumados, e que todo cativo sarraceno que viesse para Alzira tornar-se-ia livre, e nós não poderíamos readquiri-lo, tampouco qualquer outro homem em nosso nome. [...] Nós dissemos que estaríamos naquele dia, e que eles fizessem sair todos os xeques da vila e do outro povoado, e que nos jurassem fidelidade, pois nos seriam leais, a nós e aos nossos homens. A esse respeito, nós viemos no dia, e todos os xeques saíram e juraram sobre os livros do Alcorão que nos seriam bons e leais, e que guardariam o nosso corpo, os nossos membros e os homens que nós colocássemos para estar em nosso lugar” (Jaume I de Aragão, 2010: 329-330).

Elencamos, neste segmento da narrativa, quatro eixos de análise: 1) A manutenção dos costumes almôadas; 2) A valorização dos costumes vassálicos; 3) A sagração do pacto sobre o Alcorão; 4) O direito a liberdade social e religiosa dos sarracenos de Alzira. Conforme Catlos, a lei islâmica, por desempenhar um papel essencial nas sociedades muçulmanas, tornou-se um dos principais pleitos dos sarracenos em seus acordos de capitulação. Percebe-se que a estas comunidades fora outorgada uma autonomia judicial dentro de sua lei, cujos casos em que os cristãos julgaram sarracenos foram raros (Catlos, 2010: 192-193). A permanência dos “foros e costumes do tempo dos almôadas”, presentes em vários relatos dos pactos firmados entre cristãos e sarracenos nas conquistas de Maiorca, Valência e Múrcia, caracterizavam-se então como uma demanda dos conquistados e uma gratificação dos conquistadores.

Como na rendição de Minorca, os “xeques da vila e do outro povoado”, isto é, os maiores e mais poderosos homens, juraram fidelidade ao rei e seriam “bons e leais, e que guardariam o nosso corpo, os nossos membros e os homens que colocássemos para estar em nosso lugar”. Valorizam-se os aspectos deste mundo feudo-vassálico inerentes a estes pactos que, independentemente de serem entre cristãos ou sarracenos, deveriam ser cumpridos por senhores e vassalos. E para sacramentar o contrato entre o Conquistador e os conquistados “todos os xeques saíram e juraram sobre os livros do Alcorão”. Lembremo-nos de que, apesar da consideração do historiador britânico Peter Burke, percebemos que ambas as culturas possuíam uma noção de suas proximidades. Para selarem o contrato entre um senhor e um vassalo, o cristão necessitava jurar sobre a palavra de seu Senhor, contudo, se um sarraceno o fizesse, o rito não teria significação, pois ele não juraria sobre sua lei. Os sarracenos juraram sobre sua lei, o Alcorão, transformando-se em bons e leais vassalos de Jaime I. Assim, discordamos de Sánchez, para quem os aspectos étnicos e religiosos assumem um papel preponderante na constituição das representações acerca dos sarracenos no *Llibre dels Feyts* (Sánchez, 2012: 278-279). Mesmo que fundamentais para a formação das identidades sociais destes sujeitos históricos, a construção da alteridade muçulmana se estabelece através de uma retórica que tanto opõe quanto aproxima cristãos e sarracenos<sup>4</sup>.

Para estes vassalos sarracenos o Conquistador concedera ainda o direito de “fazer seus ofícios nas mesquitas como estavam acostumados”, o que nos remete a real importância de um caráter religioso nestes conflitos bélicos. O historiador estadunidense Robert Burns, um dos maiores especialistas na

---

<sup>4</sup> Sobre a retórica da alteridade ver Hartog, F. (2004). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feyts* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

população muçulmana da Coroa de Aragão, salienta que as transformações ocorridas no século XIII, o próprio sucesso do expansionismo ibérico-cristão reorientara a política papal sobre as relações estabelecidas com sociedades não cristãs. Especialistas em direito canônico como Henrique de Susa (1210-1271) alegavam que os sarracenos deveriam ter direito a uma autonomia administrativa e a conversão voluntária (Burns, 2008: 59).

Os cativos sarracenos que fossem “para Alzira tornar-se-ia[m] livres” e não poderiam ser readquiridos pelo rei nem pelo seus homens. Anteriormente vimos que durante a conquista de Maiorca os sarracenos resistentes foram escravizados pelo Conquistador. Desvalorizados como inimigos, estes cativos teriam um horizonte de liberdade na vila de Alzira.

#### 4. Considerações Finais

As relações entre cristãos e muçulmanos presentes na narrativa dos feitos de Jaime I não podem ser entendidas somente através de seus aspectos étnicos e religiosos. Nos fragmentos discursivos em que o monarca ordena a decapitação de Fátima – que se opusera ao poder e autoridade do rei – e, em seguida, associa Dom Aabet à imagem de um anjo enviado por Deus – por presenteá-lo como seu vassalo –, estabelece-se uma dualidade ente aqueles que aceitaram Jaime I como seu senhor e aqueles que não o fizeram.

Torna-se necessário, assim, em pesquisas ulteriores, articular estes aspectos religiosos, étnicos, sociais, econômicos e políticos a fim de compreender a complexidade desta miríade de representações presentes no *Llibre dels Feyts*. Transpondo estas fronteiras, os sarracenos adentram aos domínios do Conquistador e, como servos e vassalos, transformam-se em partícipes do corpo social da Coroa de Aragão.

#### Referências

##### Fontes

Jaume I de Aragão. (2010). *Livro dos Feitos*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull).

##### Bibliografia

Burke, P. (2006). *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos.

Andrade, Rodrigo Prates de.

Inimigos e anjos: o *Llibre dels Feys* e as relações entre cristãos e muçulmanos na Coroa de Aragão (1213-1276)

[www.revistarodadafortuna.com](http://www.revistarodadafortuna.com)

Burns, R. I. (2008). *Muslims, Christians and Jews in the Crusader kingdom of Valencia*. New York: Cambridge University Press.

Cardoso, C. F. & Vainfas, R. (1997). História e análise de textos. In: Cardoso, C. F. & Vainfas, R. (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* (pp. 375-399). Rio de Janeiro: Campos.

Catlos, B. A. (2010). *Vencedores y Vencidos: cristianos y musulmanes de Cataluña y Aragón, 1050-1300*. Valência: Universitat de València.

Cingolani, S. F. (2008). De historia privada a historia pública y de la afirmación al discurso. *Talia Dixit*, 3, 51-67.

Ginzburg, C. (2002). *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras.

Hartog, F. (2008). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Sánchez, F. F. (2012). Els musulmans i l'Islam vistos como alteritat en el 'Llibre dels Feits'. In: *El Llibre dels Feits: aproximació crítica*. Valência: Publicacions de l' Acadèmia Valenciana de la Llengua.

Silveira, A. D. (2013). Fronteiras da tolerância e identidades na Castela de Afonso X. In: Fernandes, F. R. (org.). *Identidades e fronteiras no medievo ibérico* (pp. 111-130). Curitiba: Juruá.

Vianna, L. J. (2008). A cavalaria medieval e a formação inicial de Jaime I como rei cavaleiro no *Llibre dels Fets* (c. 1252-1274). *Mirabilia*, 8, 182-204.

Vianna, L. J. (2009). *Pelos céus e pela terra: a Conquista de Maiorca (1229) como legitimidade do rei Jaime, o Conquistador (1208-1276)*. Vitória: Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas.

Villacañas, J. L. (2004). *Jaume I el Conquistador*. Madri: Editorial Espasa Calpe.

**Recebido:** 29 de setembro de 2013

**Aprovado:** 08 de dezembro de 2013